



## SOLIDARIEDADE E RECIPROCIDADE: ESTRATÉGIAS SOCIOECONÔMICAS DE SOBREVIVÊNCIA NAS COMUNIDADES RURAIS

*Queite Marrone Soares da Silva, Ana Flávia Rocha de Araújo, Ludiana Martins Silveira, Rômulo Soares Barbosa, Wanderleide Berto Aguiar, Wesley Ribeiro Carvalho Pimenta*

### INTRODUÇÃO

As relações que o homem possui com a natureza e a terra, enquanto fonte de sua sobrevivência são características notadas especialmente no cotidiano das comunidades rurais, onde é evidenciada uma série de práticas solidárias em torno de ações, cuja herança, pode ser relacionada com as práticas de trocas. Traços dessas práticas ainda permanecem em alguns lugares, mesmo que tenha passado por transformações em sua base, ainda resistem em algumas comunidades e fazem parte da realidade de vida de muitos grupos.

Atualmente, muitas pessoas ainda trocam trabalhos por mercadorias, seja pela perspectiva da tradicionalidade, bem como da solidariedade. O dinheiro não é visto como algo fundamental, pois as práticas da troca e da reciprocidade estão nas bases da subsistência, de forma que umas pessoas atendem as necessidades das outras.

Desta forma, as comunidades estabelecem relações recíprocas, que permeiam a prática da solidariedade e da amizade das pessoas que vivem num cotidiano repleto de práticas moldadas no coletivismo. Nesta perspectiva, de um modo geral, faremos alguns apontamentos acerca da solidariedade e das ações de reciprocidade nas comunidades rurais, e as estratégias socioeconômicas de sobrevivência que são adotadas.

### SOLIDARIEDADE E RECIPROCIDADE NO MEIO RURAL

Desde o processo de colonização do Brasil, existe a prática do escambo, ou seja, a prática de trocas de mercadorias por trabalho; notamos que essas práticas se consolidaram e ainda prevalecem ao longo dos tempos, especialmente em comunidades populares e com o número pequenas de habitantes.

No meio rural, por exemplo, a moeda não estabelecia tanta importância, uma vez que o escambo era uma prática comum, pois as pessoas constantemente estabeleciam trocas, e assim conseguiam viver de forma organizada e solidária ao outro. Segundo Nisbet,

[...] comunidade é a fusão do sentimento e do pensamento, da tradição e da ligação intencional, da participação e da volição. Pode ser identificada, ou encontrar sua expressão simbólica, na religião, na nação, na raça, na profissão, nas cruzadas. Seu protótipo tanto histórico como simbólico, é a família, cuja nomenclatura ocupa lugar predominante em quase todos os tipos autêntico de comunidade. (1972, p.256).

O sistema Capitalista chegou nessas comunidades rurais, interferindo na sua estrutura social. Wanderley (1996) afirma que “[...] o 'modelo original' do campesinato brasileiro reflete as particularidades dos processos sociais mais gerais, da própria história da agricultura brasileira, especialmente: o seu quadro colonial [...]”

De acordo com BRANDÃO e RAMALHO, o trabalhador rural sempre se lembra de momentos de fartura, ao falar de sua sociedade e das condições atuais de vida e trabalho, ele estabelece, inevitavelmente, um confronto entre os ‘dias de hoje’ e um tempo anterior de passado. (1985, p.128-129).

O amor à terra, movido por uma racionalidade econômica ou por uma exigência de liberdade, pode evidentemente assumir formas sentimentais de ligação a tal ou qual terra particular, geralmente a dos ancestrais, que é cultivada de geração em geração e simboliza a continuidade familiar, um outro valor fundamental, já que o grupo doméstico e a linhagem são duas instituições –chave de uma sociedade camponesa. (MENDRAS, 1976, p. 191).

Com o processo de modernização e urbanização, as comunidades tradicionais, assim como os espaços rurais, passam por constantes transformações em sua forma de viver, e a moeda assim como os produtos industrializados e as mercadorias advindas das cidades passam a despertar o interesse dessas pessoas, assim as práticas solidárias vão minimizando, e simultaneamente estas práticas de trocas, vão se extinguindo, acarretando mudanças nos modos de vida,



# FÓRUM FEPEG

ENSINO · PESQUISA  
EXTENSÃO · GESTÃO

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos · Apresentações artísticas  
e culturais · Debates · Minicursos e Palestras



24 a 27  
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

[www.fepeg.unimontes.br](http://www.fepeg.unimontes.br)

até então tradicionais. Este processo representa o embate entre as tradições e modos de vida, significando uma luta de resistência econômica, histórica, social e cultural.

## AS ESTRATÉGIAS SOCIOECONÔMICAS DE SOBREVIVÊNCIA

Um registro de lutas em busca de um espaço na economia e na sociedade é uma marca a história do campesinato no Brasil, lutas por um espaço produtivo, pela constituição do patrimônio familiar e pela estrutura do estabelecimento como um espaço de trabalho de família. (WANDERLEY, 1996, p. 8-9).

A condição para a reprodução familiar nestas comunidades rurais, comumente está no uso dos recursos naturais que dispõem em suas terras onde nasceram e cresceram. A sua organização interna é baseada nos costumes, as trocas e o conhecimento popular tradicional na comunidade são utilizados diariamente nas práticas de trabalho e geração de renda.

O trabalhador rural ainda mantém seu processo de produção simples, embora ocorra no mundo à industrialização e o aprimoramento das ferramentas de trabalho; este mesmo camponês, também conserva em sua lógica de vida, a unidade indissociável da família, cujo papel é extremamente importante para as relações econômicas, bem como todo o processo de produção e trabalho; ainda realiza trabalho braçal, trabalho pesado, que freqüentemente é associado à honestidade, tendo em vista o trabalho enquanto fundamental para a construção de sua moral e caráter. COSTA afirma ainda que

Com o processo de urbanização da economia nacional, a solidariedade econômica entre tais atores foi rompida, determinando a desestruturação da organização produtiva e a desagregação da cultura que afetou a família camponesa, a reprodução da vida, a morte das lendas e a desvalorização do conhecimento e da prática sertaneja em relação ao ambiente. A expansão das relações capitalistas de produção deslocou o eixo da vida social, fazendo com que as cidades ganhassem importância crescente e ocorresse a desvalorização da vida rural. (1977, p.94)

A economia rural é o ramo mais antigo da economia; a produção agrícola foi desde muito tempo um trabalho familiar camponês, que constituía até então as nossas sociedades, mas esses trabalhadores foram perdendo sua autonomia diante do crescimento das cidades e indústrias.

Para este trabalhador rural, o seu produto se destina primordialmente ao sustento da própria família, podendo vender ou não o excedente da colheita, normalmente plantam para o consumo da família. (QUEIROZ, 1973, p. 29-30).

Os camponeses ainda ocupam uma posição de subordinação, diante da sociedade urbana que chegam até eles ameaçando a sua autonomia nas relações de trabalho. As mudanças na estrutura social dos campesinatos ocorrem, e o que permanece nas gerações futuras é ainda um sinal de resistência e de “luta pela sobrevivência individual e de toda a sua espécie dentro de uma ordem social que o ameaça de extinção”. (WOLF, 1976, p. 34). COSTA afirma que

Os núcleos camponeses, espalhados por todo o sertão, também constituíam-se, cada um, um todo econômico, baseados fundamentalmente na produção coletiva e na utilização das chapadas para a complementação alimentar e criação de gado ‘na solta’. A integração das diversas famílias camponesas assentava-se nas relações de parentesco, de vizinhança e de compadrio, pois vinculavam e aproximavam os habitantes de cada núcleo camponês. (1997, p.79).

Milhões de trabalhadores são excluídos dos seus empregos, amplia-se cada vez mais a precarização do trabalho, que por sua vez, afeta inclusive a vida no campo, trazendo conseqüências econômicas, sociais, e ambientais.

Na busca pelas estratégias de sobrevivência, são resgatados os valores da solidariedade, reciprocidade e coletividade, “as vítimas da crise buscam sua inserção na produção social através de variadas formas de trabalho autônomo, individuais e coletivas.” (SINGER, 2004, p. 3)

O sofrimento assim como a ameaça, estão no cerne da memória do homem do campo, e em alguns lugares, muitos ainda vivenciam essa luta pela permanência num território ancestral, buscando assim preservar suas raízes.

As suas estratégias socioeconômicas de sobrevivência dependem especialmente da terra, que representa o seu principal meio de sobrevivência e reprodução do grupo. Assim, há uma total valorização e respeito tanto pela terra



quanto pela natureza, a relação é simbólica e estes elementos representam muito além do que um meio de produção e consumo, pois é a condição para a sua sobrevivência e construção de vida.

Deste modo, os trabalhadores rurais, carregam consigo um histórico de resistência, estas comunidades são exemplos de cooperação, coletividade e respeito à natureza; além disso, reproduz historicamente o seu modo de vida, e tem suas lembranças frequentemente associada às situações de luta, conquista, confronto, expropriação e resistência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maior preocupação do trabalhador rural é a sustentação de sua família, e a preservação de seus valores em uma sociedade moderna em constante movimento; deste modo não conseguem se imaginar fora dos laços familiares que são de suma importância para a sua construção de vida em comunidade.

A comunidade rural é regida por uma ética camponesa que molda o comportamento dessas pessoas e organiza a estrutura social interna, repleta de um sentimento de pertencimento que o liga ao seu território ancestral, e a sua ética é constituída acima de tudo por um sentimento de honra e moral; sendo a terra e a natureza elementos fundamentais para a garantia de sobrevivência da família.

O processo de Urbanização e Industrialização provocou uma série de mudanças nos modos de vida rurais, acarretando perdas de conhecimento e práticas, além de muitas rupturas em sua cultura; contudo estas comunidades têm resistido por muitos anos diante das diversas ameaças, e, sobretudo, frente à ação do urbano sobre o rural. Assim, a luta e a resistência dos camponeses continuam em busca da permanência nas terras ancestrais, a fim de manterem os seus hábitos, costumes, e valores, que herdaram de seus antepassados.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; RAMALHO, José Ricardo. **Campesinato Goiano**. Goiânia: Editora da UFG.

COSTA, João Batista de Almeida. Cultura Sertaneja: A conjugação de lógicas diferenciadas. In: SANTOS, Gilmar Ribeiro dos (Orgs.). **Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas: Considerações a partir das ciências Sociais**. Montes Claros: Best Comunicação e Marketing, 1977., 1985.

MENDRAS, Henry R. J. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1976.

NISBET, Robert A. Comunidade. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e Sociedade: Leituras de introdução à Sociologia**. São Paulo: JC Editora, 1972.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro**. Ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro**. Minas Gerais, out. 1996. XX Encontro Anual Da ANPOCS. Disponível em: <[www.mda.gov.br/o/899445](http://www.mda.gov.br/o/899445)>. Acesso em: 01 dez. 2011.

WOLF, Eric R. J. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1976.